

DESUMANIZAÇÃO NA *VEJA*: análise da construção de personagens soropositivos em reportagens da revista

DEHUMANIZATION AT *VEJA*: analysis of the construction of HIV-positive characters in magazine articles

DESHUMANIZACIÓN EN *VEJA*: análisis de la construcción de personajes VIH positivos en artículos de revistas

Ana Cristina Spannenberg

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

anaspann@gmail.com

 0000-0002-2072-8205

Bianca Mara Guedes de Souza

Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

bianca.guedes@ufu.br

 0000-0003-1476-6157

Endereço para correspondência: Universidade Federal de Uberlândia. Faculdade de Educação. Av. João Naves de Ávila, 2121. Santa Mônica. CEP: 40170150 - Uberlândia, MG – Brasil

Recebido: 23.04.2020

Aceito: 12.07.2020

Publicado: 31.08.2020.

RESUMO:

Considerando a importância do jornalismo na vida social e sua capacidade de construir e manter estigmas, o presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que buscou verificar como as pessoas soropositivas são representadas nas reportagens da revista *Veja*. Concluímos que a revista não consegue construir de forma humanizada a narrativa sobre Aids. Para isso, o trabalho considerou as perspectivas de Ijuim (2011) sobre jornalismo humanizado, as pesquisas de Soares (2002) e Fausto Neto (1999) sobre a narrativa da Aids, e as indicações de Coimbra (2004) e Brait (1985) para a construção de personagens no texto jornalístico, levando em conta a metodologia de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011).

PALAVRAS-CHAVE: Aids; Análise de Conteúdo; Revista *Veja*.

“Percebi que a AIDS estava revelando, de forma trágica, o modo como a nossa sociedade discrimina as pessoas.” (Herbert de Souza, 1994).

Introdução

Um dos papéis que o jornalismo assumiu ao longo do tempo é o de conscientizar, educar e debater assuntos polêmicos e relacionados à saúde pública. Para tanto, os meios de comunicação têm em suas rotinas produtivas a definição de assuntos suficientemente relevantes que buscam atingir o público. Dito isto, é interessante observar que o jornalismo é uma instituição imprescindível à dinâmica social, que oferece a seus atores “um espaço público fundamental para a democracia e para os direitos humanos” (FERNANDES, 2002, p. 11). É neste espaço social em que a opinião pública se forma, segundo Fernandes (2002), já que qualquer pessoa em contato com o jornalismo é parte deste processo e, através dele, a sociedade é capaz de interpretar os fenômenos sociais, que se sujeitam a valores e estigmas. No caso da Aids e do HIV, em geral, ocorre à continuidade de um estigma arraigado no seio social que torna a convivência em comunidade uma experiência estigmatizante, conforme explica Rosana Soares (2002).

No Brasil, estudos comunicacionais como o de Hildenbrand, em 1996, que discute a comunicação oficial sobre Aids na TV até a década de 1990, já conseguiram problematizar a importância da comunicação quando se trata de acesso à informação relacionada à Aids e às formas como a comunicação governamental decidiu abordar o assunto. Três anos depois, Fausto Neto publicou, em 1999, o livro *Comunicação e Mídia Impressa: Estudos sobre a Aids*, no qual discute as diferentes construções discursivas sobre a síndrome em jornais impressos de 1983 a 1995. Depois da virada do milênio, Soares, em 2002 e nos anos seguintes, continua a discussão com seu trabalho sobre as imagens veladas e o estigma da Aids, se dedicando a pesquisar a mídia impressa. A pesquisa aqui apresentada buscou contribuir para a atualização da produção acadêmica na área ao verificar o modo como a temática foi abordada no jornalismo da revista *Veja* em certos momentos da última década.

Como revistas representam suas épocas, acreditamos que a observação da temática Aids e seus personagens na revista *Veja* são de grande relevância. A presente proposta se desenvolveu justamente a partir de uma inquietação com as pessoas centrais nessa história (quem vive com o HIV e/ou Aids), com o objetivo de verificar como a revista apresenta seus personagens, e se ela o faz de modo que não consegue construir de forma humanizada a narrativa sobre Aids.

Aids: estigma social

A Aids é uma síndrome social. Começar com esta declaração tem o objetivo de deixar claro que, apesar de seu caráter biológico e seus enfrentamentos médicos, consideramos que as marcas da Aids se apresentam – talvez ainda mais – fortemente na vida em sociedade. De acordo com Lucí Hildenbrand (1996, p. 94), em seus primeiros anos como notícia a temática levava os estereótipos ao extremo, sendo especialmente veiculada como “câncer gay” e chegando a significar socialmente uma espécie de punição divina aos vulgares e promíscuos. Hildenbrand (1996) explica que, mesmo com a publicação de diagnósticos nas mais diversas pessoas, homens, mulheres e crianças, ainda no início dos anos 1980 a imagem mais profunda que se estabeleceu sobre o doente de Aids foi a ligada aos homossexuais, hemofílicos, profissionais do sexo e viciados em heroína.

No Brasil, quando discutimos o estigma relacionado à Aids podemos perceber dois momentos. Um primeiro, entre as décadas de 1980 a 1990, quando a síndrome se manifestava fortemente no corpo já que o avanço do quadro clínico determinava uma aparência enfraquecida, magra e frágil, além disso, no caso de quem desenvolvia o câncer de pele, com marcas indicativas. Dessa forma, a primeira fase da Aids se manifesta, prioritariamente, como uma abominação do corpo, uma deformidade, e sem a possibilidade de ocultação.

Como informa matéria da *Folha*, o antigo slogan da campanha de 1994 – “Quem vê cara não vê Aids” – ainda vale: “A diferença é que, naquela época, a Aids acabava mostrando a sua cara: o paciente emagrecia muito, a pele acinzentava, o cabelo ficava ralo, o corpo manchado. Com o coquetel, os soropositivos parecem saudáveis, mas isso não espantou o preconceito” (Folha de S. Paulo, 28/11/2001). Estigmatizados antes pelas marcas físicas, hoje pelas marcas simbólicas, aos portadores parece não haver nome mais adequado: eles são de fato depositários dos estigmas que ainda constituem a Aids, mesmo que em sinais não-revelados. (SOARES, 2002, p. 10)

Assim, podemos relacionar o segundo momento como o atual, “ainda que o corpo (o sexo, o sangue, a morte) mantenha-se como ponto nodal desse traçado, seu discurso não mais se articula em torno de grupos sociais (e suas marcas aparentes), mas de indivíduos (e suas marcas invisíveis)” (SOARES, 2015, p. 7). Com tratamentos mais desenvolvidos, remédios e uma rede de cuidados de saúde que permitem a quem vive com o HIV uma vida plena, ainda assim, o soropositivo segue sendo aquele que carrega um estigma, como os que Goffman (1968) denomina culpas de caráter. Só que agora um estigma capaz de ser escondido e dissimulado. E, para a maioria das pessoas

que vive com o HIV, é essa forma que encontram para continuar convivendo socialmente¹, em estado constante de alerta, causado pela possibilidade dos outros descobrirem seu segredo. “A questão que se coloca não é a da manipulação da tensão gerada durante os contatos sociais e, sim, da manipulação de informação sobre o seu defeito. Exibi-lo ou ocultá-lo; contá-lo ou não contá-lo” (GOFFMAN, 1968, p. 38), por consequência eles agem conscientemente por meio do “ocultamento de símbolos de estigma” (1968, p. 82). Tais comportamentos se manifestam das mais diferentes formas, seja trocando os remédios recebidos de caixas logo após deixar o ambulatório ou preferindo receber falta no trabalho quando a opção é apresentar atestado médico que indica seu diagnóstico².

Metodologia

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa dentro da área de ciências sociais aplicadas que é o jornalismo. O objetivo da pesquisa a torna de viés descritivo (RUDIO, 2007, p.69). Seus procedimentos perpassam a pesquisa documental, já que o principal material coletado são reportagens da revista *Veja* (OLIVEIRA, 2013, p. 70). Nosso trabalho propõe a verificação da hipótese anteriormente disposta, buscando sua confirmação ou não, ao submeter às reportagens selecionadas a uma análise de conteúdo, visando verificar o uso técnicas jornalísticas na construção de personagens de forma humanizada ou não. A análise de conteúdo nada mais é do que

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48)

Laurence Bardin explica que há duas funções da análise de conteúdo: a primeira, que serve à pesquisa exploratória e busca descoberta, e a segunda, mais pertinente a esta pesquisa, por ser

Uma função de ‘administração da prova’. Hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias, servindo de diretrizes, apelarão para o método de análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma infirmação [sic]. É a análise de conteúdo ‘para servir de prova’. (BARDIN, 2011, p. 35)

¹ Com a produção do livro reportagem *O Laço que Abraça* tivemos a possibilidade de conversar com diversas pessoas que vivem sob o estigma da Aids no município de Uberlândia/MG. E percebemos que todos eles em algum momento, seja no trabalho ou nos relacionamentos, preferiram ocultar seu diagnóstico positivo para HIV.

² Histórias de pessoas que deram depoimento para a produção do livro *O Laço que Abraça*.

Ademais o uso desta técnica intenciona a obtenção de inferências, Herscovitz destaca que a “análise de conteúdo da mídia seria um dos métodos mais eficientes para rastrear esta civilização por sua excelente capacidade de fazer inferências sobre aquilo que ficou impresso ou gravado.” (2007, p. 123). Para o desenvolvimento da pesquisa dentro dos critérios determinados, primeiramente definimos o universo da amostragem. Este universo é relativo a todas as citações das palavras chave Aids e/ou HIV na revista *Veja*, de janeiro de 2006 a dezembro de 2016. Essa primeira coleta apresentou 136 edições com pelo menos uma citação. Nossa seleção de amostra é explicada por Laville e Dionne como uma amostra por estratos, definida como uma “amostra probabilística cujos elementos são escolhidos aleatoriamente no interior de estratos ou subgrupos, definidos por uma ou mais características particulares.” (LAVILLE; DIONE, 1999, p. 171).

Apesar de, no princípio, pensarmos em trabalhar com matérias de capa, essa ideia foi frustrada ao apurarmos que nenhuma capa do período escolhido contém chamada para matérias sobre Aids. Em um segundo momento, aplicamos o primeiro critério de inclusão: ser material jornalístico. Tal critério foi necessário tendo em mente nosso objetivo. Dessa forma, descartamos tudo aquilo que não era jornalismo – ou seja, publicidade, campanhas governamentais e comentários de leitores. Na sequência, selecionamos somente o que dizia respeito prioritariamente sobre Aids e/ou HIV, já que as palavras chave chegam a aparecer em resenhas, notícias e reportagens sobre linhas do tempo ou grandes empresários. O resultado desse filtro gerou 20 reportagens e notícias.

Após a leitura cuidadosa desses textos, a amostra analisada foi determinada a partir dos seguintes critérios de inclusão: ser reportagem, que apresentasse a palavra-chave Aids e/ou HIV, relativa a seres humanos; e dos seguintes critérios de exclusão: matérias sem pessoas soropositivas e inseridas nos meses de dezembro e no período do carnaval. Uma vez que a humanização é condição fundamental na presente pesquisa, há uma necessidade inerente de pessoas soropositivas nos textos, porque buscamos verificar como elas são tratadas, por isso matérias sem fontes ilustrativas, especificamente sem pessoas soropositivas, foram excluídas da amostra. Vale ressaltar que, entre as matérias incluídas, naquelas que há a presença de outras fontes ilustrativas além das pessoas soropositivas, tais personagens também foram analisadas. A retirada do conteúdo localizado com publicação no mês de dezembro e no período do carnaval se deve ao fato de que, em geral, são dois momentos muito focados em

campanhas governamentais sobre a Aids, cuja abordagem poderia distorcer os resultados pelo seu volume e características diferenciados.

Ao final desta seleção, a amostra desta pesquisa é composta por três reportagens: “Além do HIV”, publicada em 13 de junho de 2007, na edição 2012 nas páginas 88 a 94, que aborda a questão de doenças metabólicas para quem vive com o HIV; “Eles fazem a diferença”, publicada em 3 de março de 2010, na edição 2154 nas páginas 110 a 115, trata sobre brasileiros no Médicos Sem Fronteiras e o tratamento para Aids em Moçambique; e “É preciso ter atitude contra a Aids”, publicada em 12 de novembro de 2014, na edição 2399 nas páginas 94 a 97, que apresenta dados sobre a discrepância entre conhecimento e práticas de prevenção da população brasileira sobre o HIV.

Para sistematização dos resultados obtidos, propomos a observação de sete operadores de análise, descritos a seguir e divididos em dois subgrupos: operadores de análise geral, com cinco itens a serem analisados, e operadores de análise específica, com dois itens. Os operadores foram construídos em forma interrogativa, a partir dos pressupostos descritos na revisão bibliográfica do assunto. Na sequência, eles compõem um quadro de análise (quadro 1) que foi aplicado às três matérias que compõem o corpus a fim de verificar a hipótese.

QUADRO 1 – Quadro de análise

Operador	Perguntas norteadoras	Possibilidades de respostas	Referências/observações
TEMA	(a) Qual o tema central da reportagem? (b) Este tema repete os padrões já observados por Rosana Soares? Se sim, qual? Se não, de que forma poderia ser classificado?	(a) Não há opções fechadas de resposta, registramos, de forma objetiva, o tema central da matéria. (b) Estado; Ciência; Pessoas; Sociedade Civil; Outro.	Soares (2002)
DIZER	(a) Qual aspecto adquire os dizeres da reportagem?	(a) Dizer declarativo; Dizer Opinativo; Dizer indicador.	Neste operador, não só verificamos os títulos, como Fausto Neto (1999), mas também observamos as linhas finas das reportagens.

INSTALAÇÃO	(a) Em qual modalidade de instalação o título e linha fina se enquadram?	(a) No corpo; No território; No sujeito; Não se aplica.	Fausto Neto (1999)
ANAFORIZAÇÃO	(a) A Aids é retratada dentro da perspectiva de reiteração da gênese da doença? Caso sim, como isso ocorre no texto?	(a) Neste operador, não há opções fechadas de resposta.	Fausto Neto (1999). A intenção aqui é, com a maior objetividade possível, identificar se o texto remetia ao resgate das origens da Aids, um processo que pode se dar de várias formas, tendo em vista a história mundial da síndrome.
FONTES	(a) Quantas são e como podem ser classificadas as fontes da reportagem? (b) Qual o espaço (em linhas) para cada fonte?	(a) Fonte informativa; Fonte opinativa; Fonte ilustrativa; Fonte consultiva. (b) Já as respostas à segunda pergunta foram organizadas a partir da enumeração das fontes e a respectiva quantidade de espaço que cada uma recebe.	Beltrão (1969)
PERSONAGENS	(a) Qual é o tipo da personagem? (b) De que modo acontece a caracterização dela? (c) Qual(is) tipo(s) de caracterização o texto utiliza para apresentar a personagem?	(a) Redonda; Plana; Plana - Personagem Tipo; Plana – Caricatura; Referencial; Anáfora; Figurante. (b) Direto; Indireto. (c) Aspecto físico; Fala; Espaço;	Brait (1985) Coimbra (2004)

		Caracterização psicológica.	
HUMANIZAÇÃO	<p>(a) A reportagem tem o ser humano como centro de suas preocupações? Ao mesmo tempo, afirma a igualdade de todos os seres humanos e reconhece a diversidade pessoal e cultural?</p> <p>(b) A reportagem é isenta de julgamentos, de preconceitos e estereótipos?</p> <p>(c) O texto caricaturiza o ser humano?</p> <p>(d) A reportagem ignora a complexidade do fenômeno social Aids?</p> <p>(e) O texto reconhece o Outro enquanto ser humano?</p>	Para essas perguntas não existem opções fechadas de resposta.	Ijuim (2011; 2017)

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A construção de personagens e a desumanização

Ao narrar a temática da Aids, a revista *Veja* apresenta reportagens ligadas às tendências observadas por Rosana Soares (2002). Das matérias analisadas, uma está ligada à temática "Ciência" - a reportagem "Além do HIV" (LOPES, 2007, p. 88), Segundo Soares (2002), há nos períodos observados por ela uma constância jornalística com a temática "Ciência", observável também nesta pesquisa. Apesar de não trazer boas notícias, o que ocorre com maior frequência, segundo a autora, o texto "Além do HIV" explica os impactos negativos dos remédios antiaids na saúde gerando doenças metabólicas. Também observamos que os textos "Eles fazem diferença" (MAGALHÃES, 2010, p. 110), e "É preciso atitude contra a Aids" (CUMINALE, 2014, p. 94) se encaixam às temáticas propostas por Soares (2002). O texto de Magalhães, que apresenta

médicos brasileiros vinculados ao programa Médicos Sem Fronteiras (MSF), atuando no combate e tratamento da Aids em Moçambique, se enquadra na categoria “Sociedade Civil”. Segundo Soares (2002), essa temática está relacionada ao movimento de incluir a todos no debate que concerne a Aids. Para Soares (2002), outra temática comum é “Pessoas”, que acaba apresentando gente comum e personalizando a narrativa, como o que encontramos na reportagem “É preciso atitude contra a Aids”, que traz histórias de duas pessoas soropositivas para aproximá-las do leitor. O texto já inicia com “Aos 25 anos, o ator e bailarino Rafael Bolacha viu sua vida mudar radicalmente” (CUMINALE, 2014, p. 94). Ademais, os textos “Além do HIV” e “É preciso atitude contra a Aids” discutem o assunto no âmbito geral da sociedade com o uso de dados e estatísticas.

Os modos de dizer indicados por Fausto Neto (1999) também foram observados nas reportagens “Além do HIV” e “É preciso atitude contra a Aids”. Apesar do título de Lopes – “Além do HIV” – não necessariamente se encaixar em um modo de dizer categorizado por Fausto Neto, sua linha fina “[...] os portadores do vírus da aids têm de enfrentar o colesterol alto, o diabetes e a osteoporose” (LOPES, 2007, p. 88) permite a classificação enquanto um dizer declarativo, que, ao mesmo tempo, informa um fato e explica a realidade de quem vive com o vírus. Já o título “É preciso atitude contra a Aids” e sua linha fina “Pesquisa revela como os brasileiros encaram a doença. A imensa maioria sabe como se prevenir, mas muita gente ainda dispensa o uso da camisinha e não tem o hábito de fazer o exame de HIV” (CUMINALE, 2014, p. 94) também podem ser classificados como um dizer declarativo, que também toma partido ao enunciar o fato. Apenas o título “Eles fazem diferença” e a linha fina da reportagem assinada por Magalhães fogem da ideia dos modos de dizer sobre Aids propostos por Fausto Neto (1999), já que a autora não usa as siglas HIV ou Aids em nenhum momento.

Quanto à instalação, seguindo as colocações de Fausto Neto sobre “construções discursivas que têm no dispositivo simbólico-discursivo do jornal seu ‘discurso-organizador’” (1999, p. 50), podemos perceber a doença nos títulos e linhas finas das reportagens. Em “Além do HIV”, a doença se instala no corpo, não dando ênfase a localidade dos casos e não identificando o sujeito, evidenciado pelo uso da expressão portadores do vírus da aids. Já no texto “É preciso atitude contra a Aids”, a linha fina deixa clara a instalação no território, falando especificamente sobre brasileiros. O texto “Eles fazem diferença”, novamente as observações de Fausto Neto não se aplicam.

Também de acordo com as considerações de Fausto Neto (1999), procuramos verificar a anaforização da Aids, ou seja, a retomada no texto sobre a história da

enfermidade. Observamos que o texto “Eles fazem diferença”, embora faça uma pequena alusão a história do país, não menciona nada sobre o início da Aids. Já as reportagens “Além de HIV” e “É preciso atitude contra a Aids” se assemelham bastante fazendo um pequeno parágrafo de alusão à mortalidade no início dos anos 1980 até o desenvolvimento de remédios mais eficazes.

Sobre a categorização de fontes dentro da perspectiva de Beltrão (1969), observamos que fontes consultivas e fontes opinativas, quando aparecem, têm pouco espaço. As três reportagens em conjunto apresentam cinco fontes informativas, três fontes opinativas e onze fontes ilustrativas. Esse número reforça a humanização como marca do veículo revista. Apesar disso, também percebemos, a desproporção entre a quantidade de fontes soropositivas X não soropositivos.

Uma vez que estamos trabalhando textos de uma mesma revista, que, portanto, utiliza um mesmo padrão gráfico, é possível observar questões sobre como se distribui o espaço entre as fontes, utilizando a unidade de medida linha. Quando falamos de espaço, vemos o quanto o viés informacional predomina em duas reportagens. Todas as reportagens da amostra têm páginas divididas em três colunas e cada uma delas tem 60 linhas. A reportagem “Além do HIV” apresenta seis colunas, ou seja, 360 linhas, destas 21 são destinadas à Silvia Almeida (soropositiva), 10 a Bruno Caramelli - cardiologista - e 15 linhas sobre um estudo da *Circulation*, uma publicação científica especializada, que podemos classificar como fonte documental. No entanto, de texto são pouco mais de duas colunas, já que o infográfico e foto cobrem as três colunas centrais da reportagem.

A reportagem “Eles fazem diferença” tem 18 colunas de espaço (1080 linhas). Delas, as duas fontes opinativas recebem 15 linhas no total, sendo eles dois integrantes do Médicos Sem Fronteiras não brasileiros ou moçambicanos. Já que a reportagem se sustenta na experiência humana, o restante de suas fontes (oito) são ilustrativas. Por ordem de aparecimento no texto: Simone Rocha, diretora executiva MSF-Brasil – 5 linhas; Raquel Yokoda, médica paulista. – 48 linhas, foto de duas colunas de largura e $\frac{3}{4}$ de altura; e legenda; Wânia Correia, historiadora goiana – foto de três colunas de largura e meia de altura; e 13 linhas como box; Laura Lichade, enfermeira moçambicana – 25 linhas, foto com duas colunas e meia de largura e pouco menos que meia coluna de altura; e 18 linhas em box; Mulher moçambicana anônima – 16 linhas, foto com uma coluna e meia de largura e meia coluna de altura; e legenda; Kaneti Chavunda, militar aposentado (soropositivo) – 15 linhas; Felisberto Dindas, conselheiro (soropositivo) – 23 linhas, foto com duas colunas de largura e $\frac{3}{4}$ de altura; e 9 linhas em box; Janaína

Carmello, enfermeira paraense – 37 linhas, foto de duas colunas de largura e meia de altura e mais 19 linhas em box. Vale ressaltar que cada box tem linhas em diferentes larguras irregulares e utilizam uma fonte diferente do padrão do texto, e, por isso, o espaço que ocupam foi contabilizado pensando no espaço que linhas comuns ocupariam ali.

Por fim, a reportagem “É preciso atitude contra a Aids” divide suas 8 colunas (720 linhas) de espaço em: 30 linhas, foto de duas colunas de largura e $\frac{3}{4}$ de altura; e legenda para Rafael Bolacha, ator e bailarino (soropositivo); 66 linhas, e infográfico que usa duas colunas completas para Pesquisa Atitude Abril; 8 linhas para Artur Timerman, infectologista - fonte opinativa; 4 linhas, e um infográfico que tem 3 colunas de largura e vinte linhas de altura para o Ministério da Saúde; 5 linhas a Pesquisa Unesp; e 10 linhas, mais foto que usa duas colunas completas; e legenda para Gygy Maciel (soropositiva).

“Em geral, o jornalista ilustra o fato com a historinha de alguém” (LIMA, 2002 *apud* VILAS BOAS, 2003), este apontamento de Edvaldo Pereira Lima pode ser verificado nos dados acima sobre a distribuição do espaço entre os elementos das reportagens, que demonstram o foco das matérias sobre Aids na revista *Veja*. Estas assumem um viés mais estatístico e pouco aproveitam a variedade das histórias humanas para efetivamente se preocupar com o ser humano de contextos. Enfim, apresenta seus personagens soropositivos em uma perspectiva mecânica, estatística, desconectada do real, que não realmente constituem uma pessoa (LIMA, 2002 *apud* VILAS BOAS, 2003) e, como vemos no próximo tópico, longe da perspectiva humanizada.

Ao avançarmos na análise passamos para os operadores específicos, os de personagens e humanização. Os primeiros que apresentam como se dá a caracterização das personagens, sendo consideradas para esta análise somente fontes ilustrativas (BELTRÃO, 1969). Primeiramente, verificamos o tipo de personagem nas quais as fontes se enquadram, de acordo com o indicado por Coimbra (2004) e Brait (1985). As personagens podem ser classificadas nas categorias definidas a partir de sua caracterização. A personagens da reportagem “Além do HIV” foi classificada como plana. A caracterização de Silvia vem somente para mostrá-la enquanto soropositiva e todo esse processo se dá com a caracterização psicológica, neste caso evidenciado pelo texto que sempre remete à mudança de hábitos para uma vida mais saudável. Sua caracterização é pelo modo direto.

Simone, Raquel, Wânia, Laura, Felisberto e Janaína são todos personagens da reportagem “Eles fazem diferença” e são personagens planas, pois são explorados somente de acordo com uma característica. Aqui, quem merece destaque são Raquel e Laura, que são caracterizadas de acordo com os dois modos - direto e indireto - e são apresentadas com mais características. Raquel tem um pouco de sua trajetória profissional contada, que permite ao leitor inferir detalhes de sua personalidade, como alguém que se importa com os outros e que procura soluções para os problemas, além disso, o texto faz questão de deixar claro que ela é jovem. Laura, por sua vez, é caracterizada pelo aspecto físico e espaço que a cerca que tem por intenção ressaltar a tragédia humana e a precariedade local.

No mesmo texto temos Kaneti Chavunda e uma mulher moçambicana anônima. O primeiro pode ser classificado como personagem tipo já que, além de apresentar uma única ideia, é trabalhado de forma a extrapolar a questão da ignorância do moçambicano frente às questões médicas. A segunda é uma personagem figurante e que ilustra as dificuldades do povo ao acesso à saúde. A reportagem “É preciso atitude contra a Aids” apresenta Gygy Maciel, enquanto personagem tipo, com uma caracterização psicológica pelo modo direto, já que se repete tanto no texto quanto na legenda sua característica de mulher confiante demais no parceiro. Por último, Rafael Bolacha é o único a ser classificado como personagem redonda, o portador do HIV é apresentado não só por sua história com a doença, mas também por suas preocupações e vida profissional.

O segundo operador específico é o da humanização. Embora sejam seis subperguntas, todas se relacionam profundamente, já que, por exemplo, caricaturar o ser humano implica necessariamente em um texto que não reconhece o Outro e, por isso, pode ser carregado de preconceitos e estereótipos. O texto “Além do HIV”, usando a classificação de Ijuim (2011), não pode ser chamado de jornalismo humanizado, já que planifica a realidade de quem vive com HIV. A reportagem chega, em alguns momentos, a quase ignorar o impacto que o contexto sociocultural tem na rotina das pessoas e, só no fim do texto, relembra que para algumas pessoas mudanças de rotina não são possíveis ou podem ser ineficazes no tratamento de doenças metabólicas. A matéria “Eles fazem diferença”, por outro lado, se constitui mais problemática, não só pelo modo que apresenta personagens soropositivos, mas principalmente pelo tratamento racista que dá aos moçambicanos, tanto na narrativa geral, quanto com os personagens, em especial aqueles (Kaneti e mulher anônima) que

têm pouca instrução. Apesar da própria repórter explicar os problemas contextuais que o país sofre, o texto parece culpar o povo pela mazela da Aids.

Por último, a reportagem “É preciso atitude contra a Aids”, que ao fazer alguns juízos de valores, padronizando a experiência com o HIV, e a caricatura de mulher narrada também impede um jornalismo humanizado. O preconceito está implícito quando se confronta alguns trechos como: “Jovens de classe média contaminados pelo vírus da aids em baladas regadas a muito álcool e drogas têm se tornado figuras frequentes nos consultórios dos infectologistas” (CUMINALE, 2014, p. 96), com as informações disponíveis que dão conta que não só neste estrato da sociedade a detecção subiu significativamente: “a epidemia, apesar de estar decrescendo no Sudeste, vem crescendo em regiões mais pobres, como Norte e Nordeste e, entre mulheres.” (VIEIRA et al, 2014). Além disso, a autora segue com uma linha de pensamento sobre “A exagerada confiança feminina” (CUMINALE, 2014, p. 97) e a culpabilização de Gygy, explicitada no trecho: “começou a namorar seu ortopedista. Confiava plenamente nele, tanto que nunca cogitara o uso da camisinha” (CUMINALE, 2014, p. 97) sem fazer a consideração social de que as mulheres, especialmente mais velhas como a personagem, estão subordinadas a uma cultura machista, amplamente conhecida, podemos dizer que os “padrões relacionais entre gêneros fazem com que as mulheres abdicuem da prevenção em favor da manutenção do relacionamento” (KAHHALE et al, 2010, p. 40).

Considerações finais

Lembrando que o objetivo da análise acima era descobrir como a revista constrói as personagens em matérias sobre HIV/Aids e se o modo como faz é capaz de humanizar a narrativa. Tínhamos a hipótese de que a Revista *Veja* não humanizava sua narrativa sobre HIV/Aids, e ao comprová-la, também revelamos que o veículo prefere selecionar fontes especialistas dando sempre tons tecnicistas às suas reportagens, sem enfrentar o lado social da síndrome.

Considerando a análise feita, podemos concluir que as maneiras de escrever e caracterizar personagens colaboram para a desumanização no texto jornalístico. Em termos gerais, encaramos a pequena amostra da pesquisa apenas como mais um reflexo da desumanização jornalística referente ao tema Aids na revista *Veja*, que contribui para a persistência de um estigma tão fortemente vivo no meio social. Não falar sobre, para e com a sociedade, é também tomar posição.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELTRÃO, Luiz. **A Imprensa informativa**: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário. São Paulo: Editor Folco Masucci, 1969.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

COIMBRA, Osvaldo. **O texto da reportagem impressa**: um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática, 2004.

CUMINALE, Natalia. É preciso atitude contra a Aids. **Revista Veja**, São Paulo, 12 nov. 2014, Saúde, p. 94. Disponível em <https://goo.gl/B9XcCa> Acesso em 30 mai 2017.

FAUSTO NETO, Antônio. **Comunicação e mídia impressa**: estudo sobre a Aids. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

FERNANDES, Adélia B. Jornalismo, cidadania e direitos humanos: uma relação reflexiva no espaço público. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25, 2002, Salvador. **Anais...** Salvador: UNEB, 2002. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/145134406368497586467557075036965428965.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. São Paulo: LTC Editora, 1988.

GOULART, Alexander. **Uma lupa sobre o jornalismo de revista**. 4 jul. 2006. Disponível em: <https://goo.gl/3uAegT>. Acesso em: 10 out. 2019.

GUEDES, Bianca Mara [et al]. **O laço que abraça**: relatos de soropositivos. 1 ed. Uberlândia: Edibrás, 2019. 102 p.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007 (Coleção Fazer Jornalismo).

HILDENBRAND, Luci. Comunicação oficial brasileira sobre AIDS: um percurso pelas linhas e entrelinhas da telinha da TV. **Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. XIX, nº 2, p. 93-104, jul-dez, 1996. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/916/819> Acesso em: 15 maio 2019.

IJUIM, Jorge K. Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 34., 2011, Recife, **Anais...** Recife, PE.

Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2440-1.pdf>. Acesso em: 02 set. 2017.

IJUIM, Jorge K. Por que humanizar o jornalismo? **Verso e Reverso**: revista da comunicação. São Leopoldo, v. 31, n. 78, p. 235-243, set-dez 2017. Disponível em <http://revistas.unisinus.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2017.31.78.07>. Acesso em 3 nov. 2017.

KAHHALE, Edna P. et al. **HIV/AIDS: enfrentando o sofrimento psíquico**. São Paulo: Cortez, 2010.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber** – Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999. Disponível em: <http://bit.ly/2wMtrrh>. Acesso em: 24 ago. 2017.

LOPES, Adriana Dias. Além do HIV. **Revista Veja**, São Paulo, 13 jun. 2007, Saúde, p. 88. Disponível em <https://goo.gl/wWP83e>. Acesso em 30 mai. 2017.

MAGALHÃES, Naiara. Eles fazem diferença, **Revista Veja**, São Paulo, 3 mar. 2010, Medicina, p. 110. Disponível em <https://goo.gl/ZK5WQw>. Acesso em 30 mai. 2017.

OLIVEIRA, Marly Maria de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

RUDIO, Franz Victor. Pesquisa Descritiva e Pesquisa Experimental. In: **Introdução ao projeto de pesquisa**. 34 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Rosana de Lima. Estigmas da AIDS: Em busca da cura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25, 2002, Salvador. **Anais...** Salvador: UNEB, 2002. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_COMUNICACOES_SOARES.pdf Acesso em: 10 maio 2019.

SOARES, Rosana de Lima. **Mídias e estigmas sociais: sutileza e grosseria da exclusão**. São Paulo, 2015. Tese (Livre-docência) disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/27/tde-24062016-141728/pt-br.php>. Acesso em: 11 jun. 2019.

SOUZA, Bianca Mara G. **Aids na revista Veja: uma história de humanização?** Orientadora: Ana Cristina Spannenberg. 2017. 100f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo). Faculdade de Educação, UFU, Uberlândia, 2017. Disponível em: <https://059be071-655b-4a4b-8f43->

8be7ff80548a.filesusr.com/ugd/0611ce_7b129fd6c6ed411b8976037c5739076b.pdf.

Acesso em 22 nov. 2019.

SOUZA, Herbert José de. **A cura da Aids**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

ABSTRACT:

Considering the importance of journalism in social life and its ability to build and maintain stigmas, this article presents the results of a research that sought to verify how HIV positive people are represented in *Veja's* reports. We conclude that the magazine is unable to construct the AIDS narrative in a humanized way. For this, the work considered the perspectives of Ijuim (2011) on humanized journalism, the research by Soares (2002) and Fausto Neto (1999) on the AIDS narrative, and the indications of Coimbra (2004) and Brait (1985) for the construction of characters in the journalistic text, taking into account the methodology of Content Analysis (BARDIN, 2011).

KEYWORDS: AIDS; Content Analysis; Revista *Veja*.

RESUMEN:

Teniendo en cuenta la importancia del periodismo en la vida social y su capacidad para construir y mantener estigmas, este artículo presenta los resultados de una investigación que buscaba verificar cómo las personas VIH positivas están representadas en los informes de revisión de *Veja*. Concluimos que la revista no puede construir la narrativa del SIDA de una manera humanizada. Para esto, el trabajo consideró las perspectivas de Ijuim (2011) sobre periodismo humanizado, la investigación de Soares (2002) y Fausto Neto (1999) sobre la narrativa del SIDA, y las indicaciones de Coimbra (2004) y Brait (1985) para la construcción de personajes en el texto periodístico, teniendo en cuenta la metodología de Análisis de Contenido (BARDIN, 2011).

PALABRAS CLAVE: SIDA; Análisis de Contenido; Revista *Veja*.